

(Espinho, 1982) é licenciada em Artes Plásticas-Escultura, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto. Terminou o curso de Artes Visuais do programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística, o Projecto Individual do Ar.Co e está a finalizar o Mestrado em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias na Universidade Nova de Lisboa. Desde Setembro, encontra-se em Nova Iorque numa residência artística de seis meses, no International Studio & Curatorial Program ISP

➤ www.reflexus.net



finalidade sem fim

Ana Santos trabalha com “qualquer coisa que seja”, respeitando, ou desrespeitando, determinadas qualidades formais, tamanhos ou proporções. O fazer arte revela-se um espaço de reflexão que se gera a partir da observação das formas, num original e disruptivo desvio das funcionalidades convencionais

Sem título

2009, madeira contraplacado, tinta-da-china, 59 x 40 x 3 cm. Exposição “Drawing by Numbers”, Espaço Avenida 211, Lisboa, 2009

ANA SANTOS REGE MUITAS VEZES as suas operações plásticas pelas dimensões, ou pela escala, do seu próprio corpo. O sentido geral é quase abstracto, sem referentes óbvios ou narrativas lineares. Os materiais, encontrados por acaso, na rua, num jardim, ou propositadamente adquiridos em lojas de materiais de construção, incluem mármore, tinta-da-china, tinta de spray, diversos tipos de papel, pigmentos, madeiras, vidro, cartão, cola, cal, cartolina, chumbo, plásticos, folha de alumínio, Pladur® ou espelhos. A sua disposição, quase sempre agrupada, com mais ou menos elementos, num determinado espaço, cria um discurso que nos obriga a realizar um intenso trabalho analítico, profundamente simples, mas enigmático, que funde o fazer com o pensar, que desconstrói o teórico e o prático, reclamando para o fazer artístico um tipo de pensamento que também se produz na acção e que se descola da tradicional visão bipolar que estabelecemos entre dois domínios que consideramos separados, ligados, apenas, sequencialmente, a montante e a jusante.

Que tipo de pensamento é esse, que é prático, e como é que ele se articula com o pensamento teórico? Foi a partir da experiência de ateliê que a questão surge na obra desta artista, preocupada em superar os limites da finalidade de uma acção, de uma actividade, de encontrar, naquilo

que constitui um qualquer espaço fundador, construtor e livre de qualquer fim, seja ele qual for, um tempo para poder usufruir, quase exclusivamente, de um espaço de contemplação, na sua acepção maior, à maneira da Grécia Antiga. Referência para Ana Santos, Marcel Duchamp, na célebre entrevista a Pierre Cabanne, sublinha, a propósito, que “o puro acaso interessava-me como um meio de se ir contra a realidade lógica: colocar qualquer coisa numa tela, num pedaço de papel, associar a ideia de um fio esticado, na horizontal, de um metro de comprimento, caindo de um metro de altura sobre um plano horizontal, com a sua própria deformação, conforme o seu capricho. Isto divertia-me. Era sempre a ideia de ‘divertimento’ que me levava a fazer as coisas e a repeti-las três vezes...”

FUNCIONALIDADE DISFUNCIONAL

Para Ana Santos, a questão da funcionalidade é um problema constantemente colocado aos artistas. No limite, não há funcionalidade e esse é o drama, o fantasma que os leva a questionar o próprio processo artístico e tudo o que este envolve, a perceber o sentido de tudo isto e, como nos diz, “só encontramos a resposta quando isso deixa de ser uma questão, ou seja, quando deixa de ser um problema para resolver, continuando o trabalho da descoberta, da experiência”.

O trabalho da artista, no entanto, não responde directamente a uma pergunta teórica ou a uma questão específica, não realiza o trajecto habitual de uma causa teórica à qual se segue a consequência prática, em forma de resposta. No ateliê, pratica exercícios específicos, numa prática que implica uma acção e reflexão sobre cada objecto ou material ou suporte que manipula, torce, fragmenta, combina e recombina, respeitando mas testando os limites da natureza e das propriedades físicas de cada um desses materiais ou objectos. O seu trabalho começa, justamente, no momento em que escolhe os materiais

TEXTO PEDRO FARO



Sem título

2009, pigmento ocre sobre parede, 180 x 250 cm aprox..
Exposição "Uma mesa e três cadeiras", Etic, 2009

54

com que vai trabalhar, escolha que nunca é aleatória e que resulta, desde logo, das experiências e testes que, por exemplo, numa loja de materiais de construção, a artista faz. "Vejo como é que elas funcionam, se são pesadas, se são leves, depois escolho, e a partir dessas coisas que vou juntando no ateliê – normalmente trabalho em várias ao mesmo tempo e não me fixo em apenas uma – vão surgindo relações entre elas, encontradas ou adquiridas, e vão surgindo novas soluções. Aquilo que faço em si mesmo não resolve o enigma todo. Preciso de deixar que o próprio objecto ou a própria variedade de coisas que tenho no ateliê se resolva a si própria e dou esse espaço e observo o que ali acontece, averiguando o que se passa no meio disto tudo". Assim, as obras que vão

surgindo, por via de uma osmose operativa e simbólica, qualificam-se entre si, sem hierarquias ou classificações distintas. Daí a relevância de Aby Warburg, que a artista identifica como referência, para além de Duchamp, Hans Dreier, Tadeusz Cantor, Artaud, Nauman, Beckett...

A quase total ausência de títulos nas suas obras potencia o efeito de nivelação ou equilíbrio que nos desafia, enquanto espectadores, a um trabalho ou a um olhar que, de algum modo, inverte ou analisa o pensamento enquanto processo operativo ou pensar prático, próprio e subjacente à acção que numa determinada obra é fixada num determinado momento que nos é dado a ver. Cada objecto ou imagem é, deste modo, uma síntese ou testemunho de uma história, de um enigma que nos obriga a sair do conforto linguístico que damos por adquirido. Deambulamos, por isso, numa zona quase pré-linguística, minimamente convencionalizada para evitar afogamentos prematuros, e na qual os materiais voltam a ser apreendidos pelas suas próprias especificidades e possibilidades, de um modo quase lúdico mas intenso. "Gostaria que o espectador se aproximasse do trabalho e fosse ao encontro do gesto operativo, desse fazer, como se tivesse sido ele mesmo a fazer, como se fosse possível haver esse encontro através daquele objecto. Não me interessa que o espectador esteja lá e diga que aquilo representa qualquer coisa mas que identifique a sua presença a partir do encontro com esse momento anterior do fazer a coisa, do construir".

O que fazer com um material que já conhecemos tão bem, sobre o qual já temos tantas informações? "A solução será olhar para ele como se nunca tivéssemos feito nada com ele. O exercício também passa por aí, olhar para o chumbo, para o papel de cenário e tentar retirar todas as ideias preconcebidas do que é que se pode fazer com isto e pensar de uma forma quase pré-linguística, como se ainda não tivessem nomes".

O trabalho de Ana Santos não tem tema, não tem uma mensagem, uma agenda discursiva, não é realizado com esse sentido. Mostra aquilo que é, ou seja, mostra o modo como ele é feito, como é construído, mostra o pensamento subjacente a esta construção. Entendimento da beleza enquanto um todo orgânico, passível de ser objectivada numa duração que valoriza sobretudo o fazer artístico, obedecendo a impulsos vitais que, ao jeito de Kant, procuram a "finalidade sem a representação de um fim"?

O espaço de exposição – até agora a artista só participou em colectivas – representa, na sequência ou em alternativa a este trabalho de ateliê, outro desafio, com outras implicações mas que, mais uma vez, nos leva a um voltar a olhar de novo, a pressentir e a identificar a origem de uma determinada reverberação visual desconhecida. Deste modo, a artista, dependendo dos pressupostos, trabalha a partir do espaço ou com o espaço, distinguindo as duas variantes. A montagem de uma exposição é um exercício em si mesmo, que implica, por um lado, o abandono do ateliê, um desterro, e, por outro lado, a ocupação de um novo espaço, uma naturalização das obras nesse mesmo espaço, com novas relações ou tensões. Quando trabalha com espaço, o

processo difere porque o material é o próprio espaço que necessita de ser visto e revisto, tal como o papel de cenário ou o chumbo ou a madeira de balsa. Daí as subtis ilusões, ou melhor, alusões ópticas que as suas intervenções plásticas despertam, amplificando detalhes arquitectónicos, geométricos, materiais que configuram um determinado espaço: a sala de uma galeria, o vão de umas escadas...

Cumpre-se a origem etimológica da palavra arte, relacionada com o fazer, e, citando Antonin Artaud, em *O Homem-Árvore (Carta a Pierre Loeb)*, concluímos, sublinhando que o universo de Ana Santos “não era o estado edénico, / era o estado-manobra, / operário, / o trabalho / sem rebarbas, sem perdas, / numa indescritível raridade”. Como é que se faz isto? Isto é arte, faça o que se fizer, como se fizer, e seja o que for +



Sem título #1

2008, chumbo, papel de cenário, 45 x 37 x 17 cm. Exposição “Appleton Recess”, Appleton Square. Fotografia Vasco Barata

Sem título

2007, folha dourada sobre amendoim, 1,5cm x 0,6cm aprox.

Sem título

2009, tinta de spray sobre mármore, 20,5 x 25 x 2 cm. Exposição “Appleton Recess”, Appleton Square

Sem título #1

2009, madeira de contraplacado, 103 x 30 x 40 aprox.. Exposição “Appleton Recess”, Appleton Square